

FUTEBOL FEMININO: TRAJETÓRIA NO BRASIL

WOMEN'S FOOTBALL: TRAJECTORY IN BRAZIL

Matheus Felipe Almeida de Moura¹
Doralice Orrigo da Cunha²

RESUMO O presente trabalho se justifica pela necessidade de traçar historicamente qual a trajetória do futebol feminino. Visto que para alcançar novos avanços na atualidade, é preciso analisar e levar em consideração a história. Sendo assim, possui por objetivo: apresentar a trajetória histórica do futebol feminino no Brasil. Para o desenvolvimento do trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica no Google Acadêmico, no marco temporal dos últimos dez anos (2012 a 2022). Com a construção do trabalho foi possível concluir que mesmo existindo avanço significativo do futebol feminino no Brasil, ainda é preciso que existam discussões sociais que fomentem mudanças reais na realidade das jogadoras atuais e futuras da modalidade.

Palavras-chave: Futebol. Futebol feminino. História.

ABSTRACT

The present work is justified by the need to historically trace the trajectory of women's football. Since to achieve new advances today, it is necessary to analyze and take into account history. Therefore, it aims to: present the historical trajectory of women's football in Brazil. For the development of the work, a bibliographic search was carried out on Google Scholar, in the time frame of the last ten years (2012 to 2022). With the construction of the work, it was possible to conclude that even with a significant advance of women's football in Brazil, it is still necessary that there are social discussions that promote real changes in the reality of current and future players of the modality.

Keywords: Football. Women's football. History.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Silveira apud Pini (2006), de maneira geral, a mulher foi recepcionada nos esportes em Amsterdã, no ano de 1928, decorrente da primeira

¹ Identificação do aluno: Matheus Felipe Almeida de Moura. Acadêmico de graduação em Educação Física do Centro Universitário Ateneu – Unidade Harmony. E-mail: matheusfelipe.moura@outlook.com

² Identificação do Orientador: Dra. Doralice Orrigo da Cunha. Docente do Curso de Educação Física do Centro Universitário Ateneu – Unidade Harmony. E-mail: doranuvem@gmail.com

participação nos jogos Olímpicos. A partir daí a mulher participa, de modo oficial, em um número considerável de modalidades esportivas.

Em 1941, no Brasil, ocorreu a proibição da participação da mulher em algumas modalidades do esporte, sendo esse impedimento revogado na década de 80 (SILVEIRA apud PINI, 1983).

O conselho Nacional do Desporto (CND), em 8 de janeiro de 1983, determinou a partir dessa data a liberação da prática de Futebol e Futsal para as mulheres, ocorrendo assim o surgimento de campeonatos em vários estados, entretanto os mesmos não eram oficializados pela Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) (SANCHES e BORIN, 2006).

De acordo com Silveira apud Teixeira (2006), a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) autorizou a prática do Futsal Feminino em 23 de abril de 1983.

A partir do ano de 1992, os campeonatos estaduais começaram a ser organizados na maioria dos estados, onde seus campeões garantiam vaga para competir a o campeonato “Taça Brasil” do ano posterior (SANCHES e BORIN, 2006).

Em 2001, campeonatos novos foram desenvolvidos para atletas juvenis, instigando assim um trabalho mais efetivo na base. No mesmo ano, em dezembro, tendo Maria Cristina Oliveira como técnica, ocorreu a convocação da primeira Seleção Brasileira de Futsal Feminino para um jogo internacional tendo o Paraguai como adversário (MOREIRA et al., 2006).

Em relação ao futebol, no Brasil, a primeira partida que ocorreu oficialmente foi em 1921, por mulheres do bairro Tremembé e Cantareira, entretanto a mídia tratou a partida como uma prática “curiosa”, mostrando como a sociedade compreendia o futebol como sendo um esporte bruto e impróprio para mulheres (TAMASHIRO & GALATTI, 2018).

Ainda sobre o futebol Tamashiro e Galatti (2018, p. 796) explanam que:

A modalidade era alvo de intenso preconceito, o que gerou a sua proibição durante a década de 40. Somente em 1981 se tem no Brasil a oficialização da modalidade, e em seguida a sua regulamentação como esporte em 11/04/1983, pelo extinto CND. A partir desse fato, a modalidade passou um período de intenso crescimento de equipes no país e ao redor do mundo. Tamanho foi o crescimento, que em 1991 foi organizada a primeira Copa do Mundo pela FIFA

Posto isto, o presente trabalho se justifica pela necessidade de traçar historicamente qual a trajetória do futebol feminino. Visto que para alcançar novos

avanços na atualidade, é preciso analisar e levar em consideração a história. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo apresentar a trajetória histórica do futebol feminino no Brasil.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pensar o esporte moderno sociologicamente vai além de estabelecer qual melhor estratégia ou tática para que se alcançar o êxito no campeonato. O Esporte apresenta um aspecto polissêmico, sendo assim, tem vários significados e sentidos, em face do contexto de que faz parte (BONFIM, 2019).

Marchi (2004, p.5) traz o esporte como sendo “[...] uma atividade física em constante desenvolvimento, construída e determinada conforme uma perspectiva sociocultural, e em franco processo de profissionalização, mercantilização e espetacularização”.

Compreender o Esporte dessa forma possibilita fazer a identificação das relações, tanto internas como externas, que existem em uma modalidade esportivas, além de entender quais são os interesses reais que se estabelecem por meio do investimento e realização na modalidade (SALVINI; MOREIRA JUNIOR, 2016).

No Brasil, especificamente, a trajetória que o futebol feminino percorreu apresenta aspectos que se diferenciam do futebol masculino. A feminina é marcada por inúmeras complicações e restrições em face do contexto social da mulher esportista no país e pela construção estabelecida de que o futebol é o esporte nacional masculino (MORAES, PEREIRA e ANTUNES, 2017).

Acerca da implementação da modalidade no país, uma das mais relevantes barreiras foi a de vínculo com a política nacional. No ano de 1941 foi instituído o Decreto-Lei 3199 que estabelecia a proibição da participação das mulheres em esportes que não se enquadravam no que era construído como feminino (SALVINI; MOREIRA JUNIOR, 2013).

No artigo 54 do Decreto-Lei se tem explicitado que:

“Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de

Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941, p. 1).

Com isto, as mulheres foram impedidas de participar de esportes como futsal, futebol, hughby, polo aquático, lutas e halterofilismo. Esse impedimento durou 38 anos, sendo revogado somente no ano de 1979 (SALVINI; MOREIRA JUNIOR, 2016).

A presença feminina no campo esportivo vem de uma conjuntura social que está relacionada com os papéis e funções sociais da mulher, que foram historicamente construídos (SALVINI; MOREIRA JUNIOR, 2016).

De acordo com Pierro (2018), o papel que a mulher desempenha no esporte é confundido e mesclado com a sua função na história da humanidade, entendendo que essa história, além de escrita, teve sua interpretação feita através de uma perspectiva masculina. Deste modo, esporte e mulher apresenta uma relação que é sobrecarregada de nuances.

Em um trabalho, Faria (1995) fez a reconstituição e identificação das opiniões postas pelas leis e especialistas no que diz respeito às mulheres praticarem o futebol. Alguns desses posicionamentos se apresentam bem esclarecedores sobre a concepção que era predominante acerca da participação feminina no futebol, que se associava com as nuances da saúde, estética, maternidade e feminilidade.

De acordo com Faria (1995), Ballariny trazia o argumento de que o futebol se apresentava como uma modalidade violenta e prejudicial ao corpo que não tem hábito de praticar grandes esforços. Para além disso, seria o causador de traumatismos pélvicos e congestões. Ele ainda ressaltava que a prática da modalidade por mulheres proporcionava um desenvolvimento dos membros inferiores que não condiziam com uma boa estética, a exemplo, pernas grossas, joelhos deformados e tornozelos “rechonchudos”.

Ainda segundo Faria (1995), na mesma perspectiva de Ballariny, Areno argumentou contra a prática pelas mulheres, estabelecendo que o futebol teria por um dos seus objetivos o desenvolvimento de atributos que não eram direcionados para as mulheres, onde os mesmos eram desgraciosos e desnecessários.

3 METODOLOGIA

De acordo com Minayo, a metodologia demanda:

mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetivos de estudo (MINAYO, 2013, p. 46).

Nas últimas décadas esse método de pesquisa passou a compor os campos da Educação, Psicologia e a administração de Empresas. De forma contrária às pesquisas quantitativas que, geralmente, procuram seguir rigorosamente um modelo que foi pré-estabelecido, a pesquisa qualitativa vai se apresentar, normalmente, no decorrer de seu desenvolvimento; além do fato de não elencar ou estabelecer eventos, a pesquisa qualitativa também não faz uso de instrumentos estáticos para desenvolver a análise de seus dados (NEVES, 1996).

O trabalho apresentou a metodologia da pesquisa bibliográfica, e para que seja desenvolvido, fez o levantamento de dados por meio de plataformas acadêmicas. O campo de busca foi: Google Acadêmico. Além de revistas científicas que abordem o campo de estudo definido.

Foram usados como descritores os termos: futebol; “futebol feminino”; história. No período de 2012 a 2022. Apenas em páginas da língua portuguesa. Ao todo, foram encontrados 1.390 trabalhos.

Fazendo uso dos critérios de inclusão: trabalhos apresentados na íntegra, apenas em língua portuguesa, publicados em plataformas científicas, sendo os critérios de exclusão: trabalhos incompletos, em outros idiomas, e disponibilizados em plataformas não científicas, foram feitas as leituras dos temas (no caso de tratar da temática pesquisada), o resumo era lido, resultando no uso de 12 trabalhos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A trajetória do Futebol Feminino

Discorrer acerca da história do futebol feminino brasileiro está além de lembrar gols, derrotas, vitórias, lances marcantes e seus protagonistas. É apresentar a história da resistência, barreiras superadas e descaso. Trazer a memória, como já visto, períodos de proibição, amadorismo e preconceito (SALVINI; MOREIRA JUNIOR, 2016).

As primeiras referências de partidas de futebol disputadas por mulheres surgiram nos anos 20. Os registros de jornais mostram a prática, ainda de forma muito tímida, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte (SAVANI; MOREIRA JUNIOR, 2013).

Até o ano de 1940, não existia ligação entre o futebol feminino com grandes ligas ou clubes. Não há registros de uma seleção feminina de futebol. Apesar de ainda não ser proibida, a modalidade era considerada violenta e ideal apenas para homens (SAVANI; MOREIRA JUNIOR, 2013).

A partir da década de 40, o cenário começou a caminhar para mudança, quando ocorreram jogos entre mulheres em lugares como o Pacaembu, por exemplo. Em posição de impulsionar a prática, a atividade foi responsável por gerar indignação entre a sociedade. As notícias sobre mulheres jogando futebol provocaram esforços da opinião pública e autoridades da época para a proibição (MOREL; SALLEA, 2006).

Em 1941, se debatia muito profissionalização e amadorismo. Ainda de forma rasa. Foi dessa forma que a temática dos esportes femininos se tornou responsabilidade do CND. Foi então instituído um decreto-lei (3199, art 54). O texto abordava de modo mais geral que as mulheres não poderiam praticar esportes que não estivessem de acordo com sua natureza. Apesar de não ser citado nominalmente, o futebol se enquadrava (MOREL; SALLEA, 2006).

Na década de 70 houve a revogação da lei que proibia as mulheres de jogarem futebol. O que dar início a uma jornada nova para a modalidade entre as mulheres. Entretanto, o fim da proibição, não fez mudanças significativas. O futebol feminino não começou a receber estímulos de federações e clubes. Além de não ter sido regulamentado e continuar tendo proibições pelo país (MOREL; SALLEA, 2006).

Só no ano de 1983 a houve e regulamentação da modalidade. Com a regulamentação, permitiram que se pudesse competir, usar estádios, criar calendários, ensinar nas escolas. Clubes como Saad e Radar tiveram surgimento pioneiros no profissionalismo, e tornaram-se os times competitivos da época (SAVANI; MOREIRA JUNIOR, 2016).

Na China, em 1988, a Fifa realizou um Mundial de caráter experimental. Ele foi chamado de Women's Invitational Tournament. A seleção que foi montada para competição usou como bases o Juventus (SP), o Radar (Rio) – sendo o Juventus o time que,

provavelmente, era o mais competente no país na época (SALVANI; MOREIRA JUNIOR, 2016).

Um aspecto importante que fortalece a falta de estímulo da federação, é o fato de que não existiu nenhuma confecção especial de roupas para as jogadoras. Assim, as jogadoras foram para o Mundial com as sobras das roupas dos homens (SALVINI; MOREIRA JUNIOR, 2016).

O torneio foi essencial para que se desse início no desenvolvimento da modalidade feminina no mundo todo. Houveram 12 seleções participando, ficando o Brasil em terceiro lugar após a disputa de pênaltis (SALVINI; MOREIRA JUNIOR, 2016).

Finalmente, no ano de 1991 ocorreu a primeira Copa do Mundo Fifa de Futebol Feminino. A CBF assumiu o time de forma oficial, entretanto com o tratamento de uma modalidade amadora. O Brasil viajou com parte significativa dos atletas que disputaram o torneio experimental. A jogadora pretinha, ainda em sua juventude, participou da seleção sob o comando do técnico Fernando Pires (SALVANI; MOREIRA JUNIOR, 2016).

No que diz respeito a modalidade amadora, em que a seleção foi submetida inicialmente, praticar o esporte surge na vida do indivíduo normalmente como um tipo de hobby, um modo de ocupação do tempo e de descarregar energia. O incentivo tem início na primeira infância como modo de desenvolver o corpo e a aprendizagem. Na idade adulta ele faz parte de um conjunto de aspectos que são importantes para a saúde seja mantida. Escolher a modalidade, geralmente, está ligada àquela em que mais existe prazer, realização e eficiência. Entretanto, já uma limitação entre a prática amadora e o anseio para a busca da prática profissional (BONFIM, 2019).

Para ter entendimento da diferenciação entre um atleta amador e um atleta profissional da modalidade do futebol, é preciso saber que elas estão principalmente fundamentadas em como se tem a vivência do esporte e em como a vida é organizada. Diz respeito a um aspecto de atitudes que são distintas de acordo com os objetivos que se deseja obter quando se pratica o esporte. Entre eles (PEREIRA et al., 2019):

- Perspectiva de vida: Independente de qual seja a modalidade do esporte escolhida, é percebido como um estilo de vida para o profissional, ele se apresenta como uma ocupação especializada. O amador se interessa pela prática em conjunto com as suas atividades do dia a dia, mas o profissional tem a prática como a profissão. O

sustento da vida vem especialmente por meio dos patrocínios e prêmios advindos das competições (PEREIRA et al., 2019);

- Administração do tempo: O profissional investe significativas jornadas de horas para preparação física e para os treinos. Um atleta pode ter, diariamente, em média 8 horas de treinos. A dedicação é para que alcance a excelência profissional presente nos esportes. O amador faz a separação de uma parte da sua semana ou dia para que desenvolva a prática e a competição (PEREIRA et al., 2019);

- Cuidados com a saúde: Um dos maiores benefícios de praticar esportes é a nossa saúde. Seja na prática amadora ou profissional, os atletas devem estar sempre atualizados com as últimas situações de exames e manter contato com seu médico. No entanto, para alcançar melhores resultados e desempenho, os atletas profissionais muitas vezes precisam prestar atenção especial à sua saúde. Dieta, qualidade do sono, postura e terapia afetam isso (PEREIRA et al., 2019).

- Compromisso: Por meio do esporte, o desenvolvimento de uma pessoa ultrapassa em muito o seu corpo, mas também é uma grande obra de valores e de cidadania. Entre eles, os conceitos de comprometimento e determinação fazem parte do cotidiano. Por respeito aos treinadores e outros parceiros esportivos, os atletas profissionais têm uma atitude de respeitar a disciplina de saúde durante o treinamento (PEREIRA et al., 2019).

- Trabalho coletivo: O Brasil é um país que adora esse esporte, por isso tem milhões de atletas amadores vencendo nas ruas, estádios, pistas, tatames e piscinas todos os dias. Entretanto, o desenvolvimento do atleta amador diversas vezes é solitário, um compromisso individual. Onde o profissional precisa contar com um corpo técnico e médico na atenção pelo seu desenvolvimento, o que constitui uma construção coletiva. Por isso, o melhor é estar vinculado a clubes ou confederações (PEREIRA et al., 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É uma realidade que o futebol feminino do Brasil já se tornou um esporte popular, mesmo com a escassez de campeonatos que sejam mais organizados, e da falta de patrocinadores para o esporte. As últimas conquistas da seleção nas Olimpíadas e no

Pan, além do tetracampeonato de Marta como a melhor jogadora do mundo, contribuíram muito para o desenvolvimento da modalidade.

No final século XIX, mulheres que jogavam futebol eram consideradas um show de circo, sendo de fato uma atração, já que suas partidas aconteciam durante o espetáculo. Durante o mesmo período, homens de classe alta, em sua maioria universitários, já organizavam campeonatos com torcida.

Atualmente, apesar das conquistas, o futebol feminino ainda precisa superar muito preconceito para ser praticado. A sociedade discrimina muitas atletas e, por questão cultural, crianças do gênero feminino ainda ganham boneca como principal brinquedo e a bola é vista como brinquedos masculinos. Neste caso, somente com a desconstrução de paradigmas conservadores, por meio de discussões sociais fomentadas por conquistas na modalidade, poderá ser possível construir uma realidade menos discriminatória da modalidade, onde existam mais estímulos e investimentos, como é uma realidade no futebol masculino.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199**, de 14 de abril de 1941. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De13199.htm>. Acesso em: Set. de 2020.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 2019. Tese de Doutorado.

DI PIERRO, Carla. **Mulher e esporte**: uma perspectiva de compreensão dos desafios do Ironman. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/9264> Acesso em 17/03/2022

FARIA JR, A.G. (1995). **Futebol, questões de gênero e coeducação**: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. Revista de Campo: Futebol e Cultura Brasileira, 2, 17-39.

G1. 2019. Disponível em < <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino>> Acesso em 18/03/2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, ed. 11, 2008

MORAES, Cláudia; PEREIRA, Silva; ANTUNES, Alfredo Cesar. **TRAJETÓRIA DO FUTSAL FEMININO NO BRASIL: UM CAMINHO REPLETO DE OBSTÁCULOS.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, 2017. Disponível em > http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499195391_ARQUIVO_Fazendogenerofinal.pdf> Acesso em 17/03/2022

MOREL, Marcia; SALLES, JG do C. Futebol feminino. **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte**, 2006.

MOREIRA JUNIOR, V.A.; Melo, G.N.; Silva, M.A.F.M.; Guerra, I. **Perfil das Atletas das Equipes Juazeirenses de Futsal Feminino participantes do I Campeonato da Integração.** 2006. Disponível em<http://www.redenet.edu.br/publicacoes/arquivo_s/20070510_102347_LAZ%20035.pdf> Acesso em 17/03/2022

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

PEREIRA, Dimitri W. et al. Escalada esportiva no Brasil: O retrato dos atletas profissionais e amadores. **Arquivos em Movimento**, v. 15, n. 1, p. 241-255, 2019.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Registros do futebol feminino na Revista Placar: 30 anos de história. **Motrivivência**, v. 28, n. 49, p. 99-113, 2016.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, p. 303-311, 2016.

Sanches, V.C.; Borim, J.M. **História e Evolução do Futsal Feminino no Brasil e no Paraná.** 2006. Disponível em<http://www2.unopar.br/unopar/sites/futsal_feminino/complemetos/historia_futsal.pdf> Acesso em 17/03/2022

SILVEIRA, T.S. **Jogadoras de Futsal e Liderança dos Treinadores.** 2007. Disponível em<http://www.futebolfeminino.blog.br/blogs/index.php/futfem/2007/09/19/monografia_jogadoras_de_futsal_e_lideran_1> Acesso em 17/03/2022

TAMASHIRO, Lucas Isamu; GALATTI, Larissa Rafaela. **Preconceito no Futsal e Futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão bibliográfica.** RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 10, n. 41, p. 795-799, 2018. Disponível em< <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/657/547>> Acesso em 17/03/2022